



**CENTRO UNIVERSITÁRIO UNA BOM DESPACHO**

**CLÁUDIA MARIA BATISTA SILVA  
ISABELLA KAROLINA MENEZES SILVA  
JULIANA CRISTINA RIBEIRO**

**ANÁLISE DESCRITIVA SOBRE PADRÕES DE COMPORTAMENTOS  
RELACIONADOS A AUTOMEDICAÇÃO ENTRE ESTUDANTES DA ÁREA DA  
SAÚDE**

Bom Despacho

2023

**CLÁUDIA MARIA BATISTA SILVA**  
**ISABELLA KAROLINA MENEZES SILVA**  
**JULIANA CRISTINA RIBEIRO**

**ANÁLISE DESCRITIVA SOBRE PADRÕES DE COMPORTAMENTOS  
RELACIONADOS A AUTOMEDICAÇÃO ENTRE ESTUDANTES DA ÁREA DA  
SAÚDE**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao Curso de Graduação em Farmácia  
do Centro Universitário UNA de Bom Despacho  
para a obtenção do título de Bacharel em Farmácia.

Bom Despacho

2023

**CLÁUDIA MARIA BATISTA SILVA**  
**ISABELLA KAROLINA MENEZES SILVA**  
**JULIANA CRISTINA RIBEIRO**

**ANÁLISE DESCRITIVA SOBRE PADRÕES DE COMPORTAMENTOS  
RELACIONADOS A AUTOMEDICAÇÃO ENTRE ESTUDANTES DA ÁREA DA  
SAÚDE**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao Curso de Graduação em Farmácia  
do Centro Universitário UNA de Bom Despacho  
para a obtenção do título de Bacharel em Farmácia.

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_ de Dezembro de 2023,

---

Prof<sup>a</sup> Amanda Luisa da Fonseca  
Centro Universitário UNA Bom Despacho

---

Prof<sup>a</sup> Ana Cláudia Souza Pinto  
Centro Universitário UNA Bom Despacho

---

Prof<sup>a</sup> e Orientadora Ms. Rafaela Lopes Gomes  
Centro Universitário UNA Bom Despacho

Bom Despacho  
2023

## **AGRADECIMENTOS**

É impossível começar agradecendo alguém que não seja Deus em primeiro lugar, a fonte das nossas forças e suporte para tamanha batalha. Somos gratas pela nossa família por sempre estarem conosco e almejar essa conquista com tanto fervor assim como nós. Aos que cruzaram o nosso caminho durante essa trajetória e que de alguma forma agregaram ao nosso conhecimento. Aos nossos mestres a nossa maior gratidão por nos ensinarem tanto. Aos nossos orientadores de estágio que nos acolheram e nos passaram todo o conhecimento necessário para chegarmos onde estamos hoje. A nossa orientadora Rafaela que não mediu esforços para tornar esse projeto possível. E por último mas não menos importante, somos gratas por todas as amizades iniciadas durante essa trajetória, com elas foram mais fácil suportar o processo.

## RESUMO

A automedicação é o ato de administrar algum medicamento, chá ou produto tradicional para tratar uma doença autodiagnosticada. Tal prática é considerada um problema de saúde pública que se agrava por diversos motivos, sendo o principal deles a facilidade na aquisição de medicamentos sem prescrição médica. O presente estudo tem como objetivo apresentar resultados descritivos de uma pesquisa realizada com estudantes de curso superior ou técnico da área da saúde, a fim de avaliar a ocorrência da automedicação neste público. Foi possível verificar que 79,5% dos entrevistados praticam a automedicação, e desses, 18,9% a praticam sempre que sentem algum incômodo. Quando questionados sobre o conhecimento dos perigos associados à automedicação, constata-se que 76,3% dos participantes possuem ciência dos riscos envolvidos, embora nem sempre evitem a prática, demonstrando uma relação complexa entre conhecimento e comportamento.

**Palavras-chave:** Automedicação, testes rápidos, autodiagnóstico, farmacêutico.

## ABSTRACT

Self-medication is the act of administering some medication, tea, or traditional product to treat an autodiagnosed disease. This practice is considered a public health problem that is aggravated by several reasons, the main one being the ease of acquiring medicines without a medical prescription. The present study aims to present the results of a research carried out with higher education or technical students in the health area, in order to evaluate the occurrence of self-medication in people who, in theory, has superiority of knowledge in relation to lay people. It was possible to observe that 79.5% of the interviewees practice self-medication, and of these, 18.9% practice it whenever they feel uncomfortable. When asked about their knowledge of the dangers associated with self-medication, it was found that 76.3% of the participants were aware of the risks involved, although they did not always avoid the practice, demonstrating a complex relationship between knowledge and behavior.

**Keywords:** Self-medication, rapid tests, self-diagnosis, pharmaceutical.

## **LISTA DE FIGURAS**

Figura 1 - Manual prático para realização de um teste rápido .....	15
Figura 2 - Componentes da fita reagente de um teste rápido.....	16

## **LISTA DE TABELAS**

Tabela 1 - Representação da diversidade de cursos que os entrevistados são matriculados e sua respectiva quantidade de alunos.....	18
--	----

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Modalidade do curso em que os entrevistados estão matriculados .....	17
Gráfico 2 - Representação do nível de confiança dos entrevistados no serviço farmacêutico oferecido em drogarias privadas .....	19
Gráfico 3 - Percentual de entrevistados que já foram submetidos à serviços farmacêuticos .....	19
Gráfico 4 - Percentual de entrevistados que praticam a automedicação. ....	20
Gráfico 5 - Motivos que impulsionam os entrevistados a optarem pela automedicação. ....	20
Gráfico 6 - Frequência que os entrevistados relataram praticar a automedicação. ....	21
Gráfico 7 - Percentual de entrevistados que tiveram efeitos adversos ao se automedicarem alguma vez durante a vida.....	22
Gráfico 8 - Conhecimento dos entrevistados sobre os perigos que a prática da automedicação pode trazer ao indivíduo.....	22
Gráfico 9 - Representação sobre a decisão dos entrevistados ao saberem que hipoteticamente estão contaminados com o vírus da dengue .....	23
Gráfico 10 - Opinião dos entrevistados sobre as consequências que a Resolução da Diretoria Colegiada nº 786, de 5 de Maio de 2023, traria ao profissional farmacêutico e a população brasileira.....	24
Gráfico 11 - Ponto de vista dos entrevistados sobre as consequências da realização de exames de análises clínicas em drogarias perante o atual cenário da automedicação.....	24
Gráfico 12 - Confiabilidade dos entrevistados em testes rápidos.....	25
Gráfico 13 - Percentual de entrevistados que foram submetidos ao teste rápido de COVID em algum período da pandemia .....	25
Gráfico 14 - Percentual de entrevistados que após positivados procuraram atendimento médico e que optaram pela automedicação.....	26

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>2 METODOLOGIA .....</b>	<b>12</b>
<b>3 REFERENCIAL TEÓRICO .....</b>	<b>13</b>
3.1 AUTOMEDICAÇÃO.....	13
3.2 SOBRE OS TESTES RÁPIDOS .....	15
3.3 DA IMPLEMENTAÇÃO DOS SERVIÇOS DE ANÁLISES CLÍNICAS EM DROGARIAS .....	16
<b>4 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....</b>	<b>17</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>26</b>
<b>6 REFERÊNCIA .....</b>	<b>27</b>
<b>APÊNDICE A .....</b>	<b>29</b>

## 1. INTRODUÇÃO

O processo de automedicação é definido como sendo a seleção e o uso de medicamentos (incluindo chás e produtos tradicionais) por pessoas para tratar doenças autodiagnosticadas ou sintomas (MELO et. al., 2021). A automedicação é uma prática comum em todo o mundo, e os desafios que ela representa para a saúde pública são evidentes (SOUZA et. al. 2021). Pesquisas relatam que no ano de 2006, estimou-se a prevalência de 42,3% entre idosos que utilizaram pelo menos um medicamento sem prescrição, reforçando a importância de monitorar, avaliar e educar continuamente a população sobre a automedicação (SECOLI et. al., 2018).

Uma vez que, embora os medicamentos utilizados muitas vezes sejam aprovados e disponíveis, e que sejam seguros e efetivos quando utilizados como indicado por profissionais, quando adquiridos sem prescrição podem gerar efeitos adversos graves (XAVIER ET. AL., 2021). Isso decorre principalmente por causa da facilidade na aquisição de medicamentos e do seu uso indiscriminado, sem a orientação médica (COSTA et. al., 2022).

Outras causas da automedicação estão relacionadas à disseminação da informação através da internet e a crescente disponibilidade de medicamentos sem prescrição médica, a automedicação tem se tornado mais acessível, transcendendo as barreiras socioeconômicas. Atualmente, indivíduos de diversas classes sociais têm aderido a essa prática, impulsionados pela facilidade de acesso a informações sobre medicamentos e pela disponibilidade desses produtos no mercado sem a necessidade de orientação profissional. (SOUZA et. al. 2021).

Além disso, pode-se citar a variedade de produtos fabricados pela indústria farmacêutica, a facilidade de comercialização de medicamentos, a própria cultura e comodidade assimilada pela sociedade, a grande variedade de informações médicas disponíveis e a substituição inadvertida da orientação médica por sugestões de medicamentos provenientes de pessoas não autorizadas, entre estes familiares, amigos ou balconistas em farmácia (XAVIER et. al., 2021)

Os testes rápidos ganham espaço e reconhecimento gradativamente, além de liberar rapidamente os resultados é de fácil manuseio e não necessita de maquinários modernos para leitura desses resultados (JAPOLLA et al., 2023). Existem críticas cruciais sobre os riscos do aumento da automedicação quando se fala sobre os testes rápidos, que correlacionam a

dicotomia entre a busca de diagnóstico rápido e a noção equivocada de que o autocuidado pode dispensar o atendimento médico (GUIMARÃES, CARVALHO, 2020).

Em maio de 2023, foi publicada a RDC 786 que traz uma atualização de normas e exigências técnicas para o funcionamento de laboratórios, e também uma novidade: a autorização da realização de testes rápidos em drogarias privadas (AGÊNCIA NACIONAL DE VIGILÂNCIA SANITÁRIA – ANVISA, 2023).

Diante disso, o presente estudo busca analisar de forma descritiva os padrões de comportamento relacionados à automedicação entre estudantes da área da saúde e entender de que maneira a liberação dos testes rápidos pode impactar a tomada de decisão desses estudantes em relação à automedicação. Ao abordar essa temática, busca-se contribuir para uma compreensão mais abrangente dos fatores que impulsionam a automedicação, visando, assim, a implementação de medidas preventivas e educativas mais eficazes.

## **2. METODOLOGIA**

Trata-se de um estudo exploratório, com instrumento de uso um questionário que não foi validado (APÊNDICE A), desenvolvido pelos próprios pesquisadores, para a coleta de dados. O questionário foi administrado online, e direcionado a grupos específicos de pessoas, mais precisamente estudantes da área da saúde. Trata-se de um estudo epidemiológico observacional que contou com a participação de 156 pessoas de ambos os sexos, que cursam técnico ou graduação na área da saúde. A análise dos dados coletados através do questionário foi realizada de forma descritiva.

Foram estabelecidos critérios de inclusão que abrangiam qualquer indivíduo atualmente matriculado em um curso de graduação ou técnico na área da saúde. Os potenciais participantes foram convidados a se envolver no estudo por meio de convites divulgados em plataformas de redes sociais, como Facebook, Instagram e WhatsApp. O questionário em questão esteve acessível para preenchimento no período compreendido entre 18 de outubro de 2023 e 02 de novembro de 2023.

### 3 REFERENCIAL TEÓRICO

#### 3.1 AUTOMEDICAÇÃO

A automedicação surge como uma prática de crescente preocupação para a saúde pública. O fácil acesso a medicamentos e a disseminação de informações muitas vezes conflitantes têm contribuído para a generalização dessa prática, independente de classe social ou econômica. Especialmente durante a pandemia de COVID-19, esse fenômeno alcançou proporções ainda maiores, impulsionado pelo contexto de pânico social global e pela busca por respostas imediatas diante da incerteza da doença. A pesquisa conduzida por Melo e colaboradores (2021) corrobora esse fato, ao discorrer sobre o padrão de consumo de medicamentos no Brasil durante pandemia de COVID-19, chamando a atenção para o caso denominado “tratamento precoce” ou “kit-covid”: uma combinação de medicamentos sem evidências científicas conclusivas para o uso com essa finalidade, que inclui a hidroxicloroquina ou cloroquina, associada à azitromicina, à ivermectina e à nitazoxanida, além dos suplementos de zinco e das vitaminas C e D, os quais foram inclusive incentivados amplamente nas mídias sociais inclusive por autoridades públicas, gerando uma avalanche de informações, medo e incertezas, contribuindo com uma corrida sem precedentes para os balcões das farmácias, não gerando o tratamento adequado para a doença a que se procurava, e causando escassez para os casos em que tais medicações eram de fato necessárias.

Analisando dados epidemiológicos sobre automedicação no cenário brasileiro, observa-se um aumento significativo dessa prática, destacando-se como um fenômeno de saúde pública. Estudos como o de Becker e Grandó (2022) indicam que a automedicação é mais prevalente em determinados grupos populacionais, como os idosos. Entre as causas mais comuns, destaca-se a autonomia no autodiagnóstico, impulsionada pela fácil disponibilidade de informações na internet. A busca por soluções rápidas para sintomas comuns, como dor de cabeça e febre, sem a devida avaliação profissional, contribui para a escalada desse problema.

Além disso, a falta de conscientização sobre os riscos associados à automedicação, aliada à crença equivocada de que determinados medicamentos são inofensivos, amplifica os desafios enfrentados. A automedicação indiscriminada, sem considerar condições de saúde pré-existentes ou interações medicamentosas, representa uma ameaça à saúde pública. Silva e outros (2021) apontam que, apesar de a automedicação poder ser vista como um elemento do autocuidado, mas com grande potencial de geração do uso abusivo de medicamentos, uso de

medicamentos off label (que não seguem as indicações homologadas para aquele fármaco), pode ter como consequências o uso irracional de medicamentos, efeitos indesejáveis, enfermidades iatrogênicas e mascaramento de doenças evolutivas, além da ampliação de custos para o paciente e para o sistema de saúde.

Os principais riscos associados à automedicação tornam-se evidentes à medida que indivíduos, por autodiagnóstico, recorrem a tratamentos sem orientação profissional. A dicotomia entre a busca por diagnóstico rápido e a noção equivocada de que o autocuidado dispensa atendimento médico intensifica esses riscos, com potencial para impactar não apenas a saúde individual, mas também a disseminação de doenças. Essa dicotomia é potencializada pela dificuldade no acesso à saúde, conforme pontuam Becker e Grando (2022), que analisam que muitas vezes a automedicação decorre do fato de que pacientes sem sintomas graves, e sem acesso a planos de saúde ou a serviços de saúde de emergência preferem se automedicar a procurar ajuda médica profissional.

Destacando a relevância do tema, é crucial compreender a interseção entre automedicação e autodiagnóstico, especialmente em contextos de emergência de saúde, como a pandemia de COVID-19. A disseminação de autotestes rápidos para diagnóstico da doença sem supervisão profissional acentua os riscos, evidenciando a necessidade de medidas preventivas e educativas. Aliado a isso, está o papel da internet na disseminação de desinformação e de comunicação inadequada. Conforme Guimarães e Carvalho (2020),

Os dados estatísticos também revelam que determinados grupos, como estudantes universitários, apresentam taxas mais elevadas de automedicação – o que foi descrito no estudo de Costa e colaboradores (2022). Esse fenômeno, muitas vezes relacionado ao acesso ampliado à informação, destaca a importância de abordagens educativas específicas para grupos de maior susceptibilidade.

Diante desse panorama, a compreensão aprofundada dos fatores motivadores da automedicação é essencial para desenvolver estratégias eficazes de conscientização e intervenção. O embasamento estatístico obtido por meio de pesquisas sobre as causas mais comuns da automedicação em brasileiros fornecerá subsídios fundamentais para a formulação de políticas públicas direcionadas a mitigar os riscos associados a essa prática e promover uma abordagem mais consciente e responsável em relação à automedicação.

### 3.2 SOBRE OS TESTES RÁPIDOS

Desde a década de 1950 os testes rápidos vêm sendo estudados e aprimorados para serem capazes de diagnosticar com rapidez e segurança (JAPOLLA, 2015), através da pesquisa de antígenos ou anticorpos de determinada doença. Com resultados sendo obtidos em até 30 minutos, os testes rápidos de fluxo lateral são comumente os mais utilizados (JAPOLLA, 2015), e por não necessitar de ambiente equipado com maquinários modernos para sua realização e leitura dos resultados, esses testes têm ganhado cada vez mais espaço (MARQUES, 2019).

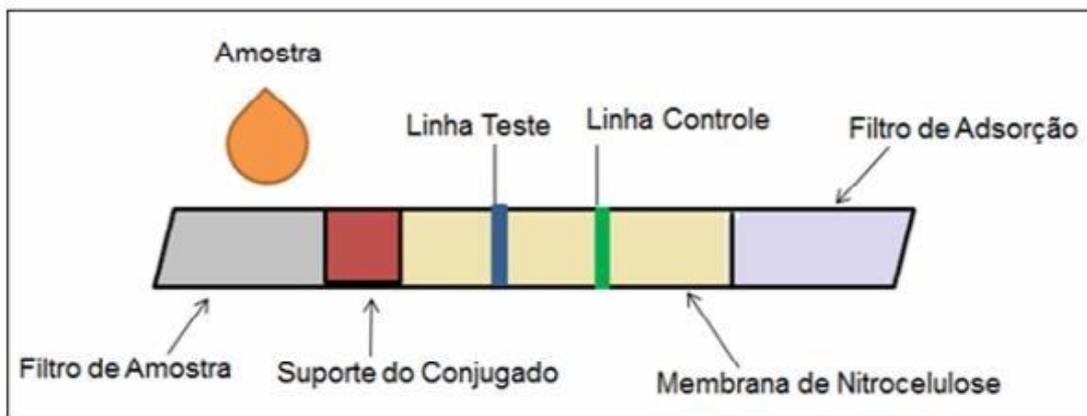
O material biológico utilizado para realização de testes rápidos pode ser tanto o sangue total quanto o soro ou plasma (MARQUES, 2019), que será adicionado no local indicado na placa de suporte (Figura 1). Essa placa de suporte acondiciona a fita reagente que é responsável pela detecção dos anticorpos ou antígenos (Figura2), tendo componentes específicos para desempenho de tal função (JAPOLLA, 2015).

**Figura1: Manual prático para realização de um teste rápido.**



Fonte: MARQUES, 2019.

**Figura 2: Componentes da fita reagente.**



Fonte: (JAPOLLA, 2015).

### **3.3 DA IMPLEMENTAÇÃO DOS SERVIÇOS DE ANÁLISES CLÍNICAS EM DROGARIAS**

Recentemente a Agência Nacional de Vigilância Sanitária – ANVISA, publicou uma Resolução de Diretoria Colegiada – RDC N°786, que permite farmácias autorizadas como Serviço Tipo I a realizarem exames de análises clínicas (AGÊNCIA NACIONAL DE VIGILÂNCIA SANITÁRIA – ANVISA, 2023). Em 2019 com a chegada da pandemia, o profissional farmacêutico já havia sido autorizado a realizar o teste rápido para a detecção do vírus SARS-CoV-2 (MARCELO et al., 2022), e agora em 2023 houve uma ampliação nos testes que poderão ser realizados por esses profissionais em drogarias.

As exigências técnicas de responsabilidade da drogaria que decide ofertar esse tipo de serviço, devem ser seguidas e cobradas pela vigilância sanitária do município (AGÊNCIA NACIONAL DE VIGILÂNCIA SANITÁRIA – ANVISA, 2023). Já o local para a realização dos novos exames autorizados deve estar de acordo com o estabelecido pela RDC 44 de 2009 (AGÊNCIA NACIONAL DE VIGILÂNCIA SANITÁRIA – ANVISA, 2009), visto que, não há necessidade de novas adaptações caso a farmácia já esteja dentro dos padrões.

Sobre os novos testes inclusos no portfólio dos serviços que drogarias privadas poderão executar, destaca-se que o material biológico utilizado para realização deles deverão ser exclusivamente primários (ANVISA, Pag 6, Art. 8, 2023), ou seja, não poderá passar por

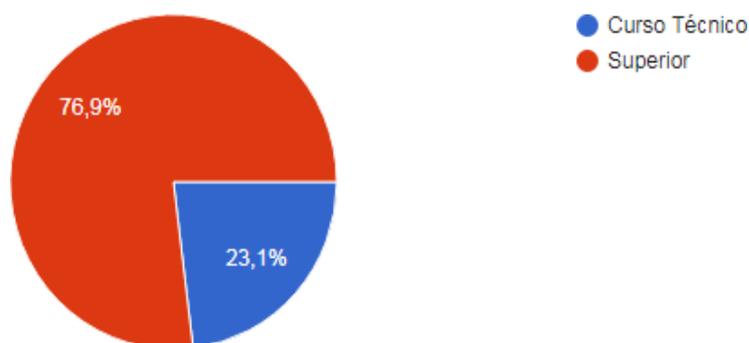
nenhum tipo de centrifugação ou ser obtido por punção venosa. A liberação dos resultados é feita através do comprovante de prestação de serviços farmacêuticos, ressaltando que os testes feitos em drogarias tem a finalidade de triagem sem fins confirmatórios (Anvisa, Pg 8, Art.12, 2023), sendo necessário ao paciente a busca por um laboratório para confirmação do resultado.

E para assegurar que os testes feitos em farmácias tenham boa procedência o controle de qualidade interno e externo também é obrigatório, assim como nos laboratórios, implemetando o Programa de Garantia de Qualidade (PGQ) (Anvisa, Pg 16, Art.51, 2023).

#### 4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

O presente estudo teve como amostra 156 (cento e cinquenta e seis) discentes matriculados em cursos técnicos e de graduação da área da saúde que responderam um questionário aplicado através do Google Forms. O questionário foi divulgado por meio de redes sociais ( Facebook, Instagram, WhatsApp), e contava com 21 questões relacionadas a automedicação, serviços prestados pelo farmacêutico e testes rápidos. Com base na análise do gráfico 1, podemos concluir que a maioria dos alunos, ou seja 76,9%, estão atualmente matriculados em cursos de graduação. Por outro lado, 23,1% dos entrevistados estão cursando programas técnicos. Os participantes da pesquisa foram distribuídos entre diferentes cursos, conforme detalhado na tabela 1.

**Gráfico 1: Modalidade do curso em que os entrevistados estão matriculados.**



**Fonte: Arquivo Pessoal**

**Tabela 1: Representação da diversidade de cursos que os entrevistados são matriculados e sua respectiva quantidade de alunos.**

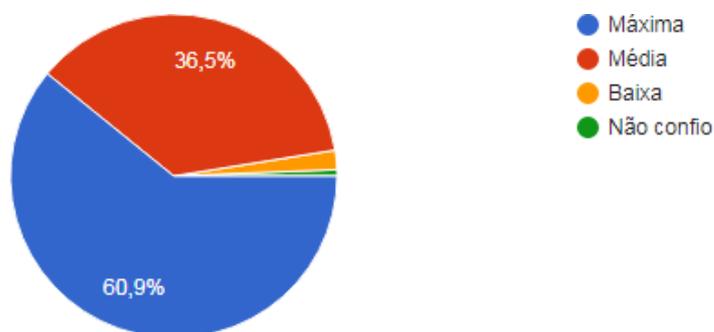
<b>Curso</b>	<b>Quantidade de alunos</b>
Biomedicina	5
Bioquímica	1
Ciências Biológicas	1
Enfermagem	12
Educação Física	2
Farmácia	63
Fisioterapia	14
Medicina	6
Odontologia	18
Psicologia	2
Técnico em Enfermagem	18
Técnico em Farmácia	3
Técnico em Radiologia	11

**Fonte: Arquivo Pessoal**

Em relação a distribuição de alunos por curso, a grande maioria, representando 98,28%, estava matriculada no curso de Farmácia. Os cursos de Odontologia e Técnico em Enfermagem apresentaram uma participação de 28,08%, seguidos pelo curso de Fisioterapia, que registrou 21,84%. Os cursos de Enfermagem, Técnico em Radiologia e Medicina compreenderam, respectivamente, 18,72%, 17,16% e 9,36% dos participantes. Outros cursos, como Biomedicina, Técnico em Farmácia, Educação Física e Psicologia, representaram, cada um, 7,8%, 4,68%, 3,12%. Por fim, os cursos de Bioquímica e Ciências Biológicas contribuíram com 1,56% cada. Essa diversidade de representação entre os cursos oferece uma perspectiva abrangente das variadas áreas de estudo dos participantes da pesquisa.

Quando questionados sobre a confiança nos serviços farmacêuticos, que incluem atividades como aferição de pressão arterial, medição de glicemia, perfuração de lóbulo auricular e aplicação de injetáveis (Gráfico 2), a maioria, equivalente a 60,9%, expressou confiança máxima nos serviços oferecidos pelos farmacêuticos. Em contrapartida, 36,5% indicaram confiança em nível médio, enquanto 1,9% manifestou confiança baixa. Apenas 0,6% dos participantes afirmaram não confiar nos serviços farmacêuticos. Essa análise revela uma percepção geralmente positiva em relação à confiança nos serviços prestados pelos farmacêuticos, destacando a aceitação e a confiança significativas nessa categoria profissional.

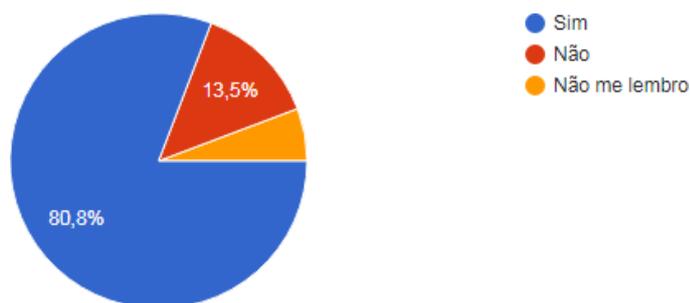
**Gráfico 2: Representação do nível de confiança dos entrevistados no serviço farmacêutico oferecido em drogarias privadas.**



**Fonte: Arquivo Pessoal**

Ao serem questionados sobre sua experiência em relação aos serviços farmacêuticos, observamos no gráfico 3 as seguintes respostas: 80,8% afirmaram já terem sido submetidos a esses serviços, indicando uma significativa parcela dos participantes que buscaram ou utilizaram atendimentos farmacêuticos. Por outro lado, 13,5% responderam que não foram submetidos a esses serviços, enquanto 5,8% relataram não lembrar se já foram submetidos anteriormente.

**Gráfico 3: Percentual de entrevistados que já foram submetidos à serviços farmacêuticos.**

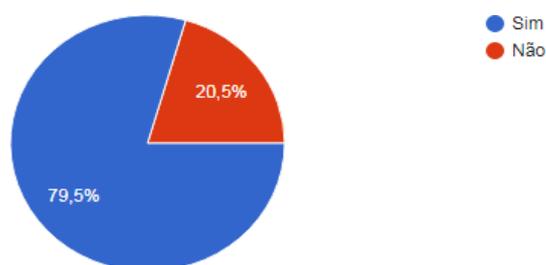


**Fonte: Arquivo Pessoal**

Quando indagados sobre a prática da automedicação, observa-se que 79,5% dos participantes afirmam realizar essa prática, enquanto 20,5% declaram não a adotar (Gráfico 4). Ao explorar as razões para a automedicação, constata-se que 62,1% justificam o ato alegando já conhecer a condição que possuem, optando, portanto, por se automedicar. Em contrapartida,

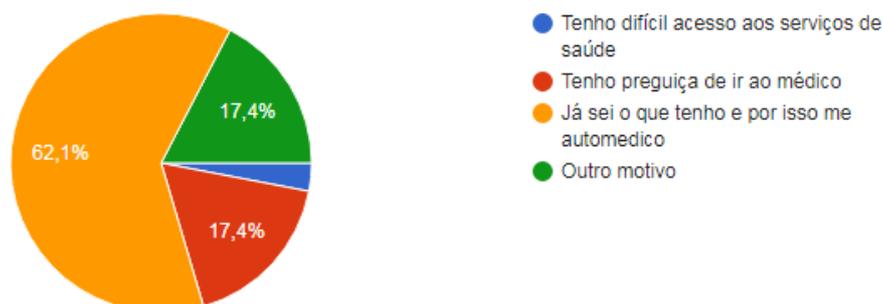
17,4% indicam ter "preguiça" de buscar orientação médica, e outros 3% mencionam a dificuldade de acesso aos serviços de saúde como motivo para recorrer à automedicação (Gráfico5). Dentre outros motivos descritos para a automedicação, destaca-se o conhecimento prévio sobre medicamentos associado à ciência da condição de saúde, bem como a mencionada preguiça de procurar um profissional de saúde. Essas informações destacam diferentes motivações que permeiam a prática da automedicação entre os participantes da pesquisa .

**Gráfico4: Percentual de entrevistados que praticam a automedicação.**



**Fonte: Arquivo Pessoal**

**Gráfico 5: Motivos que impulsionam os entrevistados a optarem pela automedicação.**

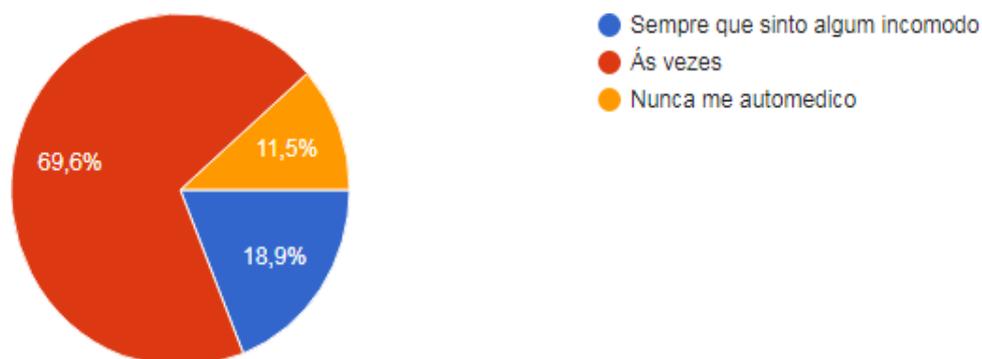


**Fonte: Arquivo Pessoal**

Quando questionados acerca da frequência com que praticam a automedicação (Gráfico 6), os resultados revelam que 69,6% dos participantes ocasionalmente optam por se medicar, indicando uma abordagem intermitente dessa prática. Por outro lado, 18,9% relatam recorrer à automedicação quando experimentam algum desconforto, evidenciando uma associação direta

entre a decisão de se automedicar e a presença de sintomas incômodos. Notavelmente, 11,5% afirmam nunca adotar a automedicação, optando por buscar assistência profissional mesmo diante de situações desconfortáveis. Esses dados oferecem uma visão abrangente sobre os padrões de comportamento relacionados à automedicação entre os participantes da pesquisa.

**Gráfico 6: Frequência que os entrevistados relataram praticar a automedicação.**

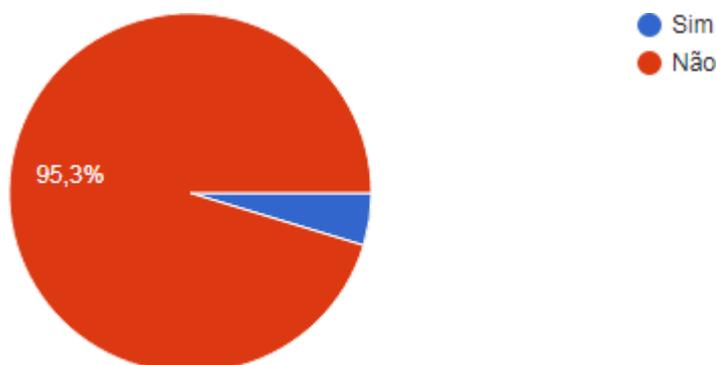


**Fonte: Arquivo Pessoal**

Quando questionados sobre a ocorrência de reações adversas em decorrência da automedicação, observa-se que a grande maioria, representando 95,3%, não relatou ter experienciado efeitos adversos. No entanto, 4,7% dos participantes afirmam ter tido reações adversas, sendo as razões mais citadas, dores estomacais e reações adversas previstas, entre outros (Gráfico 7).

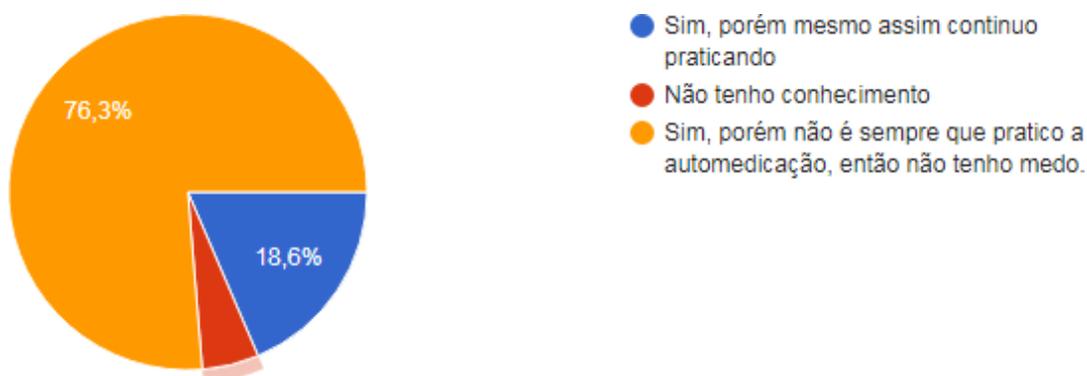
Em relação ao conhecimento dos perigos associados à automedicação, constata-se que 76,3% dos participantes possuem ciência dos riscos envolvidos, embora nem sempre evitem a prática, demonstrando uma relação complexa entre conhecimento e comportamento (Gráfico 8). Por outro lado, 18,6% reconhecem os perigos, mas ainda assim persistem na automedicação. Notavelmente, 5,1% dos participantes afirmam não ter conhecimento sobre os riscos associados à automedicação. Essa análise destaca a importância de conscientização e educação contínua sobre os potenciais perigos da automedicação, mesmo entre aqueles que possuem algum grau de conhecimento sobre o tema.

**Gráfico 7: Percentual de entrevistados que tiveram efeitos adversos ao se automedicarem alguma vez durante a vida.**



Fonte: Arquivo Pessoal

**Gráfico 8: Conhecimento dos entrevistados sobre os perigos que a prática da automedicação pode trazer ao indivíduo.**



Fonte: Arquivo Pessoal

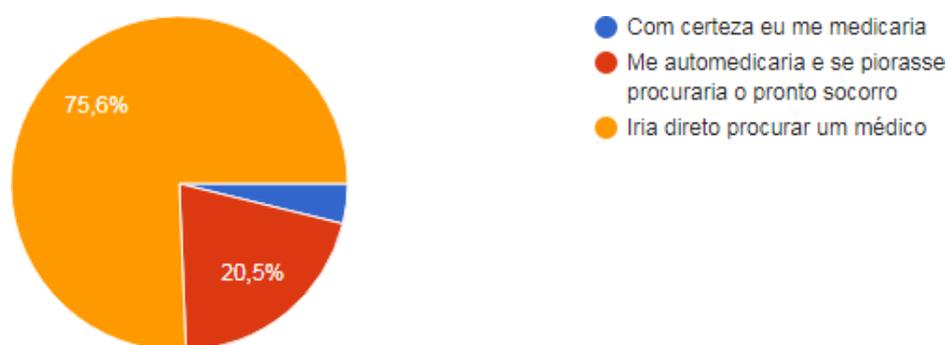
Ao serem indagados sobre a seguinte situação hipotética — imaginar que foram diagnosticados com dengue após um teste realizado em uma farmácia —, os participantes apresentaram as seguintes respostas:

Verifica-se que a maioria expressiva, representando 75,6%, afirmou que buscaria imediatamente assistência médica ao descobrir a infecção pelo vírus. Por outro lado, 20,5% indicaram que se automedicariam inicialmente e, em caso de piora dos sintomas, procurariam

um médico. Apenas 3,8% afirmaram que, com certeza, optariam pela automedicação (Gráfico 9).

Esses resultados revelam diferentes abordagens diante de um diagnóstico de dengue, destacando a maioria que prioriza a busca por orientação médica imediata, enquanto uma parcela menor considera inicialmente a automedicação, mas com a ressalva de buscar ajuda profissional diante de eventual agravamento dos sintomas.

**Gráfico 9: Representação sobre a decisão dos entrevistados ao saberem que hipoteticamente estão contaminados com o vírus da dengue**



**Fonte: Arquivo Pessoal**

Ao solicitar a opinião dos participantes em relação à nova Resolução da Diretoria Colegiada (RDC) 786, que amplia os serviços oferecidos por farmácias privadas, incluindo exames de análises clínicas em seu portfólio, obtiveram-se os seguintes resultados:

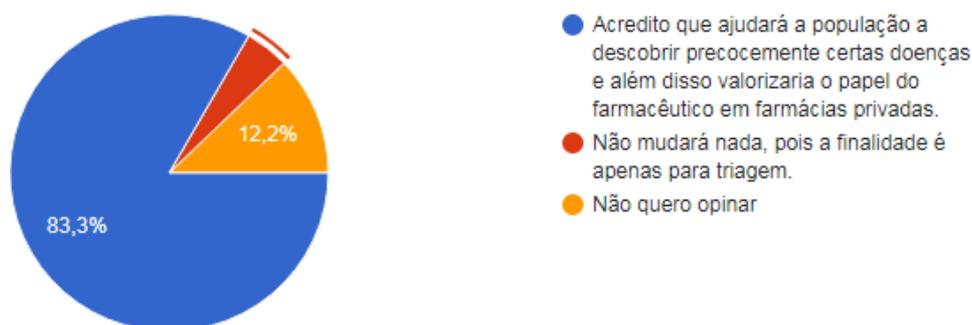
Verifica-se que uma expressiva maioria, representando 83,3%, acredita que a medida auxiliará a população a identificar precocemente certas doenças, ao mesmo tempo em que valoriza o papel do farmacêutico em estabelecimentos privados. Por outro lado, 12,2% dos participantes optaram por não expressar uma opinião, enquanto 4,5% opinaram que a nova resolução não trará mudanças significativas (Gráfico 10), visto que a realização dos exames se destina apenas a triagens sem fins confirmatórios.

Ao serem consultados novamente sobre a publicação da RDC 786 e a adaptação das farmácias para a realização de exames de análises clínicas, proporcionando aos pacientes uma visão precoce sobre sua saúde, os resultados foram os seguintes:

Observa-se que 55,8% dos participantes concordam que a medida certamente aumentaria a automedicação, argumentando que essa prática já é amplamente utilizada, mesmo sem a inclusão desses exames. Em contrapartida, 44,2% acreditam que a introdução desses

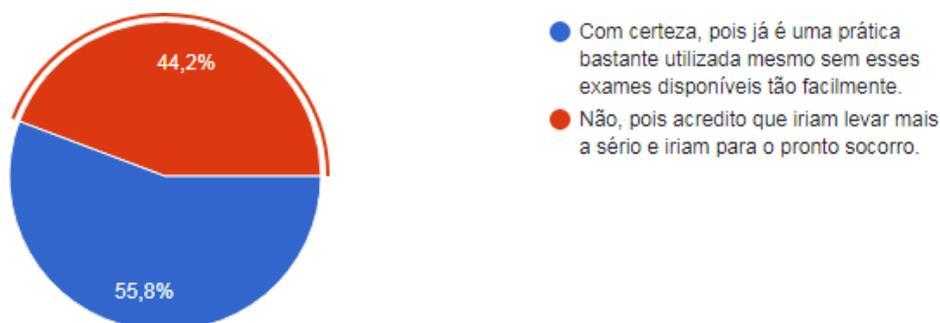
exames não aumentaria a automedicação, pois os pacientes levariam mais a sério os resultados e optariam por buscar atendimento médico adequado, como o pronto-socorro (Gráfico 11). Essas perspectivas diversas ressaltam a complexidade e as considerações distintas relacionadas à implementação da RDC 786 e seu impacto na automedicação.

**Gráfico 10: Opinião dos entrevistados sobre as consequências que a Resolução da Diretoria Colegiada nº 786, de 5 de Maio de 2023, traria ao profissional farmacêutico e a população brasileira**



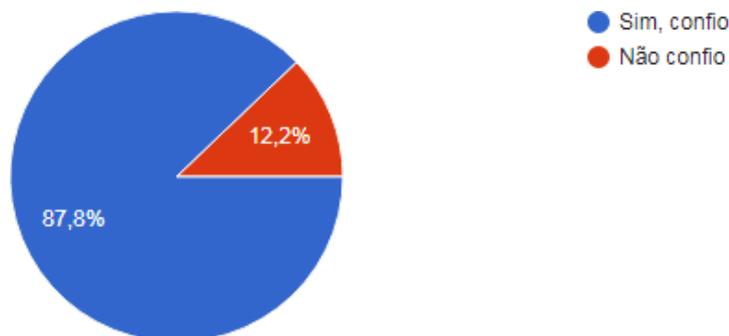
Fonte: Arquivo Pessoal

**Gráfico 11: Ponto de vista dos entrevistados sobre as consequências da realização de exames de análises clínicas em drogarias perante o atual cenário da automedicação.**



Fonte: Arquivo Pessoal

Ao serem questionados se os mesmos confiam em testes rápidos: Verifica-se no gráfico 12 que 87,8% confiam em testes rápidos e 12,2% não confiam.

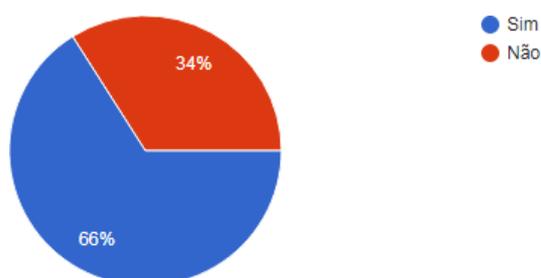
**Gráfico 12: Confiabilidade dos entrevistados em testes rápidos.**

Fonte: Arquivo Pessoal

Ao serem questionados sobre a realização de teste rápido para detecção da COVID-19, observa-se que 66% dos entrevistados optaram por realizar o teste, enquanto 34% não o fizeram (Gráfico 13). Posteriormente, questionou-se se, entre aqueles que tiveram resultado positivo, recorreram à automedicação.

Verifica-se que 89,9% dos participantes que testaram positivo buscaram assistência em um pronto socorro, seguindo as orientações médicas. No entanto, 10,1% admitiram ter se automedicado, administrando medicamentos por conta própria de acordo com os sintomas apresentados (Gráfico 14).

Ao serem indagados sobre quais medicamentos foram utilizados durante o período de infecção, alguns exemplos incluíram hidroxicloroquina, ivermectina, analgésicos para alívio de dores, entre outros. Essa análise fornece insights importantes sobre as práticas de saúde adotadas pelos participantes após receberem um diagnóstico positivo para COVID-19.

**Gráfico 13: Percentual de entrevistados que foram submetidos ao teste rápido de COVID em algum período da pandemia.**

Fonte: Arquivo Pessoal

**Gráfico 14: Percentual de entrevistados que após positivados procuraram atendimento médico e que optaram pela automedicação.**



Fonte: Arquivo Pessoal

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os desafios para conter a automedicação dá-se em nível mundial, onde acredita-se que a informação seja uma das principais alternativas para reprimir tal prática. Medicamentos vendidos sem prescrição médica são de livre acesso ao público, e por esse motivo a confiança no serviço do profissional farmacêutico é necessária para auxiliar na prevenção a saúde com consciência, evitando assim intoxicações e pioras de casos clínicos decorrentes da automedicação.

Logo, foi possível observar com esse estudo que os entrevistados mesmo tendo conhecimento prévio sobre a área da saúde praticam a automedicação, sendo autorresponsáveis pelas consequências geradas ao seu próprio organismo.

Também observa-se que durante o cenário pandêmico os testes rápidos em drogarias para detecção do vírus SARS-CoV-2 foi de suma importância, visto que a maioria dos dicentes entrevistados submetidos aos testes e que foram positivados, procuraram um pronto socorro para iniciar o tratamento correto. Porém, em contradição, muitos dos questionados sobre a automedicação afirmaram ser adeptos dessa prática por se autodiagnosticarem, revelando que os testes rápidos autorizados em drogarias possivelmente podem se tornar um agravante para o aumento dela.

## REFERÊNCIA

AGÊNCIA NACIONAL DE VIGILÂNCIA SANITÁRIA – ANVISA. 44. **RESOLUÇÃO-RDC Nº 44, DE 17 DE AGOSTO DE 2009**, [S. l.], 14 ago. 2009. Disponível em: [https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/anvisa/2009/rdc0044\\_17\\_08\\_2009.html](https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/anvisa/2009/rdc0044_17_08_2009.html). Acesso em: 18 out.2023

AGÊNCIA NACIONAL DE VIGILÂNCIA SANITÁRIA – ANVISA. **RESOLUÇÃO DA DIRETORIA COLEGIADA - RDC Nº 786, DE 5 DE MAIO DE 2023**. [S. l.], 10 maio 2023. Disponível em: [https://antigo.anvisa.gov.br/documents/10181/5919009/RDC\\_786\\_2023\\_.pdf/d803afbc-59c1-4dc2-9bb1-32f5131eca59](https://antigo.anvisa.gov.br/documents/10181/5919009/RDC_786_2023_.pdf/d803afbc-59c1-4dc2-9bb1-32f5131eca59). Acesso em: 18 out. 2023

BECKER, Thaiane Luísa Aparecida de Azevedo; GRANDO, Allyne Cristina. Automedicação em idosos: uma revisão de literatura. **Revista Brasileira de Biomedicina–RBB** v.2, n.1, jan./jun., 2022. Disponível em <<https://revistadabiomedicina.com.br/index.php/12222/article/view/102/21>>. Acesso em 17 nov. 2023

COSTA, Ruth Silva Lima da et. al. Prática da automedicação entre acadêmicos de enfermagem durante a pandemia de covid-19. **Rev. Enferm. Contemp.**, Salvador, v. 11, 2022. Disponível em <<https://www.scielo.br/j/csp/a/tTzxtM86YwzCwBGnVBHKmrQ/?lang=pt#>>. Acesso em 17 nov. 2023

GUIMARÃES, Ádria Silva; CARVALHO, Wellington Roberto Gomes de. Desinformação, Negacionismo e Automedicação: a relação da população com as drogas “milagrosas” em meio à pandemia da COVID-19. **InterAm J Med Health**, 2020. Disponível em <<https://iajmh.emnuvens.com.br/iajmh/article/view/147/188>>. Acesso em 17 out. 2023

JAPOLLA, Greice *et al.* TESTE IMUNOCROMATOGRÁFICO DE FLUXO LATERAL: UMA FERRAMENTA RÁPIDA DE DIAGNÓSTICO. **Centro Científico Conhecer**, [S. l.], p. 1-15, 2015. Disponível em: <file:///C:/Users/claude/Desktop/Artigos%20para%20TCC/Artigo%20sobre%20fabrica%20C3%A7%20dos%20testes.pdf>. Acesso em: 18 out. 2023.

MELO, José Romério Rabelo et. al. Automedicação e uso indiscriminado de medicamentos durante a pandemia da COVID-19. **Revista Cadernos de Saúde Pública**, v. 37, n. 4, 2021. Disponível em <<https://www5.bahiana.edu.br/index.php/enfermagem/article/view/4725>>. Acesso em 17 out. 2023

SECOLI, Silvia Regina et. al. Tendência da prática de automedicação entre idosos brasileiros entre 2006 e 2010: Estudo SABE. *Rev. bras. epidemiol.* 21 (Suppl 02) • 2018. Disponível em <<https://www.scielo.br/j/rbepid/a/qrD4ySsGKRg6cJ8fpqsp6t/#>>. Acesso em 17 nov. 2023  
SILVA, Cintya Rocha da et. al. Riscos da automedicação durante a pandemia de COVID-19. **RECIMA21 - Revista Científica Multidisciplinar**, v. 2, n. 11, 2021. Disponível em <https://revistas.unilago.edu.br/index.php/revista-cientifica/article/view/585>. Acesso em 17 nov. 2023

SOUZA, Amanda de Fátima et. al. COVID-19: Automedicação de indivíduos psicologicamente afetados. **Brazilian Journal of Development**, v. 7, n. 1, p. 2721-2731, 2021. Disponível em <<https://www.brazilianjournals.com/index.php/BRJD/article/download/22836/18316>>. Acesso em 17 out. 2023.

XAVIER, Mateus Silva et. al. Automedicação e o risco à saúde: uma revisão de literatura. **Brazilian Journal of Health Review**, Curitiba, v.4, n.1, p.225-240jan./feb.2021. Disponível em <<https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BJHR/article/view/22665/18160>>. Acesso em 17 nov. 2023

### APÊNDICE A- Questionário para coleta de dados

Oi, prazer!

Somos estudantes do 9º período de farmácia e para o nosso TCC (Trabalho de Conclusão de Curso) precisamos da opinião de vocês.

Recentemente foi publicada a RDC 786 que autoriza farmácias privadas brasileiras a realizarem testes rápidos, além do teste de COVID que já tinha sido autorizado durante a pandemia. Logo, faremos perguntas para avaliar se esse serviço pode ser um agravante para o aumento da automedicação, prática essa que coloca em risco a saúde de muitos brasileiros.

Abrços: Cláudia, Isabella e Juliana.

1- Qual seu nome?

R.....

2- Você esta cursando um curso técnico ou superior?

Curso Técnico

Superior

.....

3- Qual sua instituição de ensino ?

R.....

4- Qual o seu curso?

R.....

5- Qual período você está cursando?

1º, 2º, 3º

4º,5º,6º

7º, 8º,9º

.....

6- Qual seu nível de confiança em um farmacêutico que atua em farmácia privada ofertando serviços ao público? (Exemplo de serviço: Aferição de Pressão Arterial, Glicemia, perfuração de lóbulo auricular, aplicação de injetáveis)

Máxima

Média

Baixa

Não Confio

.....

7- Você já foi submetido aos serviços de algum farmacêutico?

- Sim
  - Não
  - Não me lembro
- .....

8- Você pratica a automedicação?

- Sim
  - Não
- .....

9- Por quê?

- Tenho difícil acesso aos serviços de saúde
  - Tenho preguiça de ir ao médico
  - Outro motivo
- .....

10- Qual o outro motivo para a automedicação?

R.....

11- Com que frequência você se automedica?

- Sempre que sinto algum incomodo
  - Às vezes
  - Nunca me automedico
- .....

12- Já teve alguma reação adversa oriunda de uma automedicação?

- Sim
  - Não
- .....

13- Se sim, descreva o motivo:

R.....

14-- Imagine que você vai em uma farmácia fazer um teste de dengue, e descobre que está infectado pelo vírus, você se automedicaria para aliviar os sintomas ou iria direto ao pronto socorro para continuar as avaliações?

\*Lembrando que o farmacêutico responsável pelo teste irá te alertar que ele tem a finalidade exclusivamente de triagem, e não de diagnóstico\*

- Com certeza eu me medicaria
  - Me automedicaria e se piorasse procuraria um pronto socorro
  - Iria direto procurar um médico
- .....

15- Você tem algum conhecimento sobre os perigos da automedicação?

- Sim, porém mesmo assim continuo me praticando
  - Não tenho conhecimento
  - Sim, porém não é sempre que pratico a automedicação, então não tenho medo
- .....

16- A RDC 786 amplia os serviços que poderão ser prestados em farmácias privadas, incluindo agora alguns exames de análises clínicas no portfólio. Qual sua opinião sobre o assunto?

- Acredito que ajudará a população a descobrir precocemente certas doenças e além disso valorizaria o papel do farmacêutico
  - Não mudará nada, pois a finalidade é apenas para triagem
  - Não quero opinar
- .....

17- Com a publicação da RDC 786 e a adequação das farmácias para realização de exames de análises clínicas, que permite ao paciente o acesso a uma visão sobre o que acontece em seu organismo precocemente, Na sua opinião isso aumentaria a prática da automedicação?

- Com certeza, pois já é uma prática bastante utilizada mesmo sem esses exames disponíveis tão facilmente.
  - Não, pois acredito que iriam levar mais a sério e iriam para o pronto socorro.
- .....

18- Você confia em testes rápidos?

- Sim, confio
  - Não confio
- .....

19- Com a pandemia do COVID-19, você fez algum teste rápido para detecção da doença?

- Sim
  - Não
- .....

20- Se sim, você procurou auxílio médico para o tratamento correto?

Sim, procurei um pronto socorro

Não, me automediquei de acordo com meus sintomas

.....

21- Caso tenha se automedicado, nos conte qual medicamento você tomou?

R.....

